

A INGESTÃO DO ÁLCOOL NO CURSO DE BIOMEDICINA

Hélen Márcia Cardoso¹
 Monalisa Mendes Rodrigues²
 Kimberly Marie Jones³
 Fernando Bryan Duarte Soares⁴
 Leonardo Augusto Couto Finelli⁵
 Wellington Danilo Soares^{6*}

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo verificar o consumo de álcool entre estudantes do curso de Biomedicina de uma instituição privada de ensino superior da cidade de Montes Claros-MG. Para tanto foi realizada uma pesquisa descritiva, com abordagem quantitativa e de corte transversal. A amostra foi constituída de 85 acadêmicos matriculados e frequentes no curso de biomedicina, com faixa etária entre 18 e 52 anos, com média de 22,8 ($\pm 5,1$) anos, sendo a maioria do sexo feminino. A análise do consumo do álcool foi realizada através dos seguintes questionários: versão em português do AUDIT (Teste de Identificação de desordens devido ao Álcool) que consiste em 10 questões, permitindo respostas com pesos de 0 a 4; O ASSIST (Teste para Triagem do Envolvimento com Álcool, Fumo e Outras drogas) consiste em instrumento contendo 8 questões, produzido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para detecção do uso de álcool, tabaco e outras substâncias psicoativas; O IECPA – Inventário de Expectativas e Crenças Pessoais acerca do Álcool, cujo objetivo é verificar o que as pessoas pensam sobre os efeitos do álcool, sendo composto por 61 itens com cinco alternativas de resposta tipo “*likert*” variando do 1 - não concordo ao 5 - Concordo MUITÍSSIMO; O último instrumento utilizado foi o ESSS (Escala de Satisfação com o Suporte Social) que é formado por 15 itens que avalia fatores ligados a relação com a sociedade, envolvendo a satisfação ou não. Os dados foram analisados por meio da estatística descritiva, sendo apresentadas as frequências (absoluta e proporcional) e porcentagem das respostas. Utilizou-se do programa *Statistical Package for Social Sciences - SPSS* versão 19.0 para *Windows*. Quanto à classificação de risco do AUDIT, a maioria foi caracterizado como baixo risco para o consumo alcoólico. 96,47% dos estudantes afirmaram fazer uso ocasional de fumo, álcool e outras substâncias, correspondendo ao nível I do ASSIST. Em relação ao IECPA 23,53% dos acadêmicos se classificaram em nível II, tendo alta vulnerabilidade para os efeitos do álcool. E no instrumento ESSS mais da metade dos estudantes se classificou com médio suporte social. A partir dos resultados encontrados, conclui-se que da amostra pesquisada, a maioria se classificou como de médio a baixo risco para dependência do álcool e outras drogas lícitas e ilícitas.

Palavras Chaves: Consumo; Álcool; Acadêmicos; Faculdade.

¹ Graduanda em Nutrição pelas Faculdades Integradas do Norte de Minas – Funorte – Montes Claros – Minas Gerais, Brasil.

² Graduanda em Nutrição pelas Faculdades Integradas do Norte de Minas – Funorte – Montes Claros – Minas Gerais, Brasil.

³ Doutora em Antropologia pela Universidade de Pittsburgh, Pennsylvania, EUA. Diretora do Centro de Pesquisa da Associação Educativa do Brasil – Soebras – Montes Claros - Minas Gerais, Brasil.

⁴ Graduando em História pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes – Montes Claros – Minas Gerais, Brasil.

⁵ Mestre em Psicologia Ênfase em Avaliação Psicológica pela Universidade São Francisco – Bragança Paulista – São Paulo, Brasil. Professor das Faculdades Integradas do Norte de Minas - Montes Claros – Minas Gerais, Brasil.

⁶ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde – PPGCS da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. Professor do Curso de Nutrição pelas Faculdades Integradas do Norte de Minas – Funorte – Montes Claros – Minas Gerais, Brasil.

*Autor para correspondência: wdansoa@yahoo.com.br. Rua Ponte Nova, 168 – Alto São João – Montes Claros – Minas Gerais, Brasil. (38) 9904-9888.

INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial de Saúde o álcool é a droga mais consumida no mundo, com um crescimento significativo nas últimas décadas, sendo constantemente associado ao prazer, status social, sucesso sexual, poder e diversos outros fatores considerados ideais para os jovens (PILON *et al.*, 2011).

O Brasil é um dos países com mais fácil acesso às bebidas alcoólicas. Apesar da legislação vigente há fragilidades no controle do acesso a essas bebidas, o que se relaciona à exposição cada vez mais precoce dos jovens ao uso de álcool (CAVALCANTE *et al.*, 2012).

O uso de álcool está associado aos acidentes mais graves e às mortes mais violentas registradas. Pesquisas comprovam o crescimento do abuso agudo de bebidas alcoólicas (*Binge Drinking*), caracterizado pelo consumo de cinco ou mais doses de bebidas alcoólicas no mesmo momento (ROCHA *et al.*, 2011).

O consumo de bebidas alcoólicas tem se tornado frequente no acompanhamento às refeições e tem desempenhado papel importante na vida social e cultural na história da humanidade. Comumente apresentados pelos meios de comunicação em massa como algo vantajoso para quem o consome, o uso de álcool tem se tornado uma prática comum entre os universitários.

Com a inclusão na universidade, o jovem, por uma necessidade de mostrar se independente e pela vontade de fazer parte de um grupo, longe da supervisão e do controle familiar torna-se desafiado a fazer experiências de bebidas alcoólicas, tornando-se mais vulneráveis a adotar comportamentos de risco à saúde, podendo até reduzir a expectativa de vida destes jovens; além de causar prejuízos em seu rendimento escolar com o consumo alcoólico no período de aulas (WAGNER *et al.*, 2008).

A literatura indica que 90% dos universitários adquiriram o hábito antes de ingressarem na universidade, demonstrando que o consumo de tal substância está acontecendo em idades mais precoces, sendo necessárias intervenções não apenas no meio acadêmico, já que o ponto de partida do consumo nem sempre começa na universidade. O uso de drogas lícitas como o álcool é um fato preocupante, pois pode levar o indivíduo a experimentar também drogas mais pesadas as consideradas ilícitas (RAMIS *et al.*, 2012)

Para Andrade *et al.*, (1997) *apud* Wagner (2008), informações concernentes ao uso de drogas em uma população específica auxiliam e direcionam para o tipo de intervenção que deve ser realizada.

Atualmente existem clínicas e comunidades terapêuticas que visam a recuperação e a promoção da saúde aos usuários de álcool ou outras drogas, com equipes multidisciplinares atuando em diversas áreas, porém, não é comum a inclusão do profissional nutricionista, o que é um fato

preocupante uma vez que é comprovada a interferência que o uso do álcool tem sobre o comportamento alimentar, podendo afetar os hábitos alimentares e até mesmo o estado nutricional dos usuários, uma vez que o consumo alcoólico prejudica o apetite e a ingestão alimentar regular e pode fazer com que estes indivíduos passem a fazer refeições altamente calóricas e pobres em nutrientes com acompanhamento de bebidas alcoólicas (TEO *et al.*, 2011).

Dentro deste contexto o presente estudo objetivou analisar o consumo de álcool em acadêmicos do curso de biomedicina de uma faculdade privada da cidade de Montes Claros – MG.

Essa investigação científica se justifica na necessidade de entender como está sendo o consumo de álcool entre universitários, podendo seus resultados contribuir para dimensionar o problema e fomentar futuras intervenções na instituição pesquisada no sentido de combater esse problema.

MATERIAIS E METODOS

O presente estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da SOEBRAS (Associação Educativa do Brasil) sob o parecer nº 530.651/2014. Sendo essa pesquisa descritiva, com abordagem quantitativa e de corte transversal.

Amostra foi constituída de 85 sujeitos, ambos os sexos, na faixa etária de 18 a 52 anos, com média de 22,8 ($\pm 5,1$) anos, selecionados aleatoriamente, todos acadêmicos matriculados e frequentes do curso de Biomedicina de uma instituição privada de ensino superior da cidade de Montes Claros – MG.

Como instrumento foi utilizado um questionário sócio demográfico para caracterização do grupo amostral Também foi utilizado o Teste para Identificação de Problemas Relacionados ao Uso de Álcool – AUDIT que consiste em um inventário desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde – OMS na versão adaptada para o Brasil por Bezerra-Ribeiro (2007), contendo dez perguntas fechadas.

Também o Inventário de Expectativas e Crenças Pessoais acerca do álcool – IECPA foi utilizado para conhecer o que as pessoas pensam sobre os efeitos do álcool, com 61 itens contendo cinco alternativas de escala tipo “*likert*”.

Outro instrumento foi o Teste de Triagem do Envolvimento com Álcool, Cigarro e Outras Substâncias – ASSIST que é um questionário, produzido pela Organização Mundial de Saúde para detecção do uso de álcool, tabaco e outras substâncias psicoativas, que tem o intuito de complementar o AUDIT para detecção do uso abusivo ou dependência de outras substâncias além do álcool.

E a Escala de Satisfação com o Suporte Social – ESSS que serviu para avaliar um conjunto de medidas que expressam saúde, bem-estar ou mal-estar ou que estão intimamente ligadas a essas variáveis. Servindo para investigar a gravidade que o indivíduo atribui aos acontecimentos de vida, a partir da intensidade que considera que o acontecimento de vida que mais afetou a sua vida no último ano.

Inicialmente foi solicitado a autorização da coordenação do curso para realização do estudo. Após a autorização, foi apresentado aos acadêmicos o objetivo, justificativa e metodologia do estudo. Os acadêmicos assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido.

Os questionários foram aplicados pelas próprias pesquisadoras sob a supervisão do professor coordenador da pesquisa entre os meses de setembro e outubro de 2014.

Após a aplicação do questionário, as informações obtidas foram quantificadas com adoção do método de tabulação de dados e tratamento estatístico. O programa estatístico utilizado foi o *Statistical Package for Social Sciences (SPSS)* versão 18.0 para *Windows*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados encontrados a partir da aplicação dos questionários estão apresentados nas tabelas abaixo.

Na tabela 1 pode-se observar a caracterização do grupo amostral, no que tange ao sexo, a etnia, o estado civil e o período dos participantes.

Tabela 1 – Caracterização do grupo amostral

VARIÁVEL		n	%
Sexo	Masculino	16	18,82
	Feminino	69	81,17
Etnia	Asiático	0	0
	Branco	22	25,88
	Índio	01	1,17
	Negro	17	20
	Pardo	45	52,94
Estado civil	Solteiro	61	71,76
	Casado	11	12,94
	Separado	0	0
	Viúvo	0	0
	Namoro	13	15,29
Período	1°	25	29,41
	2°	0	0
	3°	25	29,41
	4°	23	27,05
	5°	0	0
	6°	12	14,11

Fonte: Dados da pesquisa

Dentre o grupo amostral, o sexo feminino apresentou-se em maior quantidade, concordando com vários outros estudos referentes ao uso do álcool (PEDROSA *et al.*, 2011; PILON *et al.*, 2011; MEDEIROS *et al.*, 2012; BARBOSA *et al.*, 2013).

O censo demográfico 2010 constatou que mulheres têm o nível maior de instrução quando comparado aos homens, fato que comprova a grande presença feminina cursando o ensino superior (IBGE, 2010).

Quanto à etnia, a grande maioria dos participantes era composta por pardos, seguido de brancos e negros. Não teve uma representatividade significativa para índios e não houve participação de asiático na pesquisa. Esse achado só veio fortalecer a ideia de Fernandes 2005, que caracteriza o Brasil como um país de grande diversidade étnico-racial.

Em relação ao estado civil a maioria dos acadêmicos se declarou solteiro, em seguida vieram os casados, seguidos dos que estão namorando, e não houve constatação de acadêmicos viúvos ou separados. Concordando com resultados apresentados por outras pesquisas onde a predominância no meio universitário foi de solteiros (CORRÊA *et al.*, 1999; PRADO, 2006).

Medeiros *et al.* (2012) encontrou em seus estudos realizado em uma universidade particular do sul do Brasil 49,9% de solteiros, casados 43,3%, diferente do presente estudo eles encontraram em sua pesquisa, 5,7% de separados, e viúvo 1,1%. O referido trabalho foi realizada com os acadêmicos do primeiro, terceiro, quarto e sexto períodos do curso de biomedicina, onde o maior número de participante foi do primeiro e terceiro período, tendo ambos 29,41%, seguidos do quarto período com 27,05% e do sexto período com 14,115. A maioria dos participantes foi dos primeiros períodos concordando com um estudo realizado por Pedrosa *et al.* (2011) que também mostrou que o maior número de acadêmicos em seu estudo faziam parte dos períodos iniciais do curso. Isso devido os primeiros períodos agregar um maior número de alunos, vindo estes a desistir do curso com o passar do tempo.

Tabela 2 – Resultados a partir dos dados dos questionário

QUESTIONÁRIO	NÍVEL	n	%	CLASSIFICAÇÃO
AUDIT	1	68	80,00	Baixo Risco
	2	15	17,65	Médio Risco
	3	02	2,35	Alto Risco
	4	0	0	Dependência Álcool
ASSIST	1	82	96,47	Uso Ocasional
	2	03	3,53	Uso Abusivo
IECPA	1	65	76,47	Baixa Expectativa – Baixa Vulnerabilidade
	2	20	23,53	Alta Expectativa – Alta Vulnerabilidade
ESSS	1	02	2,35	Baixo Suporte Social

2	50	58,83	Médio Suporte Social
3	33	38,82	Alto Suporte Social

Fonte: Dados da pesquisa

Referente à classificação de risco do AUDIT, foi observado que a maioria dos alunos se encaixam no nível 1, sendo assim, considerados de baixo risco; seguido do nível 2, médio risco, e por último do nível 3, classificados como alto risco, e não houve constatação de dependência de Álcool.

Em um estudo realizado por Barbosa *et al.* (2013), com 337 acadêmicos de medicina da Universidade Federal do Maranhão e por Martins *et al.* (2010), com 654 universitários da Universidade de Coimbra, ambos usando o instrumento AUDIT para fazer levantamento dos dados, verificou-se que a maioria dos universitários foram classificados como nível de risco I; seguido do nível II e do nível III e por fim do nível IV, com acadêmicos dependentes do álcool.

Dos 85 acadêmicos, 26,35% afirmaram nunca ter tomado bebidas alcoólicas, enquanto 22,1% toma mensalmente; 19,55% toma de 2 a 4 vezes por mês e 3,4% toma de 2 a 3 vezes por semana. Entre os que afirmaram beber, 40,8% toma 1 ou 2 doses; 13,6% toma 3 ou 4 doses; 7,65% toma 5 ou 6 doses; 2,55% toma entre 7 a 9 doses e 7,65% toma 10 ou mais doses. Diferentemente do estudo realizado por Marçal *et al.* (2005), na Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro onde a maioria (62%) não ingerem esta substância.

Quanto à classificação ASSIST, constatou-se que entre os acadêmicos a grande maioria fazem uso ocasional de fumo, álcool e outras drogas (nível I); e poucos fazem o uso abusivo destas substâncias (nível II).

O abuso de álcool neste estudo foi bem menor que no estudo feito por Pedrosa *et al.*, (2002) com 608 estudantes nas Faculdades das Ciências da Saúde de duas universidades públicas alagoanas, onde o abuso de álcool foi representado por 8,7% dos referidos acadêmicos. A diferença pode ser justificada pelo fato de que, no estudo feito por Pedrosa *et al.* (2002), os alunos do sexo masculino consomem álcool três vezes mais do que as alunas do sexo feminino, enquanto no presente estudo o número de participantes do sexo masculino foi pouco, para que pudesse ter uma diferença significativa.

Em relação as substâncias já utilizadas pelos acadêmicos, 62,35% já consumiram bebidas alcoólicas; 14,12% usaram derivados do tabaco; 7,06% ingeriram Hipnóticos/sedativos; 4,71% utilizaram maconha; 2,35% usaram inalantes (cola-de-sapateiro, tinta, gasolina, etc.) e 1,18% utilizaram estimulantes.

Em um estudo realizado por Lucas *et al.* (2006), na Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Amazonas, com 521 estudantes, predominou o uso de álcool, seguido pelo uso de tabaco, sendo o maior consumo entre estudantes do sexo masculino. As drogas ilícitas mais

utilizadas foram, em ordem decrescente: solventes, maconha, anfetaminas e ansiolíticos, cocaína e por fim os alucinógenos. Dos acadêmicos que relataram já ter consumido álcool, a maioria relatou ter ingerido a substância até a embriaguez em algum momento da vida, enquanto uma menor parte relatou ter consumido o álcool no último mês. Os resultados desse estudo coaduna com nossos achados no qual igualmente a maioria consumiu bebidas alcoólicas, e o segundo maior consumo apresentado foi o de tabaco.

O questionário IECPA utilizado na pesquisa avaliou o que as pessoas pensam a respeito dos efeitos do álcool, constatando assim que, 76,47% dos colaboradores se classificaram em nível 1, considerados com baixa vulnerabilidade para os efeitos do álcool, e 23,53% apresentaram alta vulnerabilidade se enquadrando no nível 2.

Portanto esse baixo índice para a alta vulnerabilidade para os efeitos do álcool pode está relacionada com a população estudada, já que estes são acadêmicos da área da saúde e pressupõe que são conhecedores dos malefícios que tal droga causa na saúde humana. Rocha *et al.* (2010), ressalta a sua preocupação diante dos resultados de sua pesquisa, onde 63,6% dos acadêmicos de medicina relataram ingerir bebidas alcoólica independentemente da periodicidade. O autor, relata que estudantes de ciências biológicas deve-se acautelar quanto ao uso crônico do álcool, já que estes profissionais é quem disseminarão os conhecimentos básicos de saúde para população, e em relação aos profissionais de medicina o álcool e outras drogas poderá interferir na competência do diagnóstico precoce de pacientes dependentes.

Já outro estudo realizado por Pillon *et al.* (2011), entre os estudantes de enfermagem de uma instituição pública de ensino superior de uma cidade do interior do Estado de Minas Gerais, constatou que 81,7% dos estudantes fizeram uso do álcool no último ano, e 30,4% faziam uso problemático e 45,2% embriagavam-se menos que uma vez por mês. Fato preocupante haja vista que os fatores de riscos com o uso do álcool são intensificados no meio universitário, pois os acadêmicos estão envolvidos em eventos festivos, ato sexual sem proteção, envolvimento em acidentes, e também o uso do álcool pode levar a redução no desempenho acadêmico, como perder aula, chegar atrasado ou dormir durante as aulas, dessa forma prejudicando o rendimento acadêmico. Enquanto no presente estudo, 23,53% da amostra apresentou alta vulnerabilidade para os efeitos do álcool, contudo não houve constatação de nenhum caso para dependência alcoólica.

Pillon *et al.* (2011) relata em seu estudo o fato que acadêmicos classificados com baixa vulnerabilidade podem passar a beber de modo problemático devido ao meio em que estão inseridos, pois hábito de beber tende a se modificar ao longo do tempo, o que pode levar a desenvolverem consequências severas a médio ou longo prazo.

Dessa forma, prejuízos causados pela ingestão de álcool além de afetar a saúde dos indivíduos pode afetar também o psicológico como demonstrado através do questionário ESSS, no

qual a maioria dos acadêmicos apresentou médio suporte social e a minoria, apresentou baixo suporte social, isso considerando o estado do indivíduo em relação aos seus sentimentos após terem ingerido bebida alcoólica.

Vale salientar que o Brasil é um dos países com mais fácil acesso às bebidas alcoólicas, apesar da legislação vigente há deficiência no controle do acesso a essas bebidas, o que leva o uso cada vez mais precoce pelos jovens (CAVALCANTE *et al.*, 2012).

Um levantamento a respeito do uso do álcool com amostra representativa da população brasileira revelou que 53% dos brasileiros já fizeram uso do álcool, destes, 24% faziam uso frequente de tal substância, e quando a amostra é constituída por universitários a proporção do consumo aumenta (NATIVIDADE *et al.*, 2012). Fato que pôde ser comprovado no presente trabalho, onde constatou que a maioria da população estudada faz uso ocasional do álcool, além do tabaco e outras drogas.

O referido autor em seu estudo relata que mundialmente, o álcool é responsável por 3,2% de todas as mortes e por 4% das lesões incapacitantes. Sendo que o uso crônico do álcool esta associado ao risco elevado de desemprego, doenças hepática, acidentes de trânsito, além de transtornos psiquiátricos, como depressão (IMAI *et al.*, 2012).

Quanto aos nossos resultados pode observar que a população estudada não apresentou dependência para o álcool, constatando baixo nível para vulnerabilidade alcoólica, entretanto 96,47% faz uso ocasional da bebida, este aspecto é preocupante pois estes indivíduos estão envolvidos no meio universitário onde festas são constantes, e isso pode levá-los a aumentar a frequência do consumo de tal substância.

Diante do exposto sugere-se que trabalhos de conscientização com relação ingestão consciente do álcool sejam realizados no ambiente universitário incluindo palestras seminários e atividades a fins.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a maioria dos acadêmicos se classificou como baixo e médio risco para dependência alcoólica. Conforme o ESSS a maior parte se classificou como médio suporte social, seguido pelo alto suporte social, sendo que poucos classificou como baixo suporte social. Conforme o IECPA a maioria dos colaboradores se adequaram no nível 1, considerados como baixa vulnerabilidade para os efeitos do álcool. Quanto a classificação ASSIST, constatou-se que entre os acadêmicos a grande maioria fazem uso ocasional de fumo, álcool e outras drogas (nível I); e pouquíssimo fazem o uso abusivo destas substâncias (nível II).

Diante do exposto, mesmo que a população estudada não apresentou dependência para o álcool, faz-se necessário que trabalhos de conscientização no que diz respeito ao consumo do álcool sejam realizados no ambiente universitário, haja vista que grande parte dos acadêmicos fazem uso ocasional de tal substância, e isso pode levá-los com o passar do tempo a desenvolver um consumo crônico do álcool.

Recomenda-se que sejam realizados novos estudos que possam embasar ou não os resultados apresentados na nossa pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, F. L. *et al.* Uso de Álcool entre estudantes de medicina da Universidade Federal do Maranhão. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 37, n. 1, p. 89-95, mar. 2013.

CAVALCANTE, D. B.; GOMES, R. I. B.; SOUSA, V. E. C.; SARDINHA, A. H. L.; COSTA FILHO, M. R. Uso de Álcool entre Acadêmicos de Farmácia de uma Universidade Pública. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 312-316, jul./set. 2012.

IBGE. **Censo Demográfico 2000 – Resultados do universo**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 out. 2014.

IMAI, F. I.; COELHO, I. Z.; BASTOS, J. L. Consumo excessivo de álcool, tabagismo e fatores associados em amostra representativa de graduandos da universidade federal de Santa Catarina, 2012: estudo transversal. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília. v. 23, n. 3, p. 435-446, jul./set. 2014.

LUCAS, A. C. S.; PARENTE, R. C. P.; PICANÇO, N. S.; CONCEIÇÃO, D. A.; COSTA, K. R. C.; MAGALHÃES, I. R. S. *et al.* Uso de psicotrópicos entre universitários da área da saúde da Universidade Federal do Amazonas, Brasil. **Caderno Saúde Pública**, v. 22, n. 3, p. 663-671, 2006.

MARÇAL, C. L. A.; ASSIS, F.; LOPES G, T. O uso de bebidas alcoólicas pelos estudantes de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FENF/UERJ). **SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, v. 1, n. 2, p. 1-17, 2005.

MARTINS, J. S.; COELHO, M. S.; FERREIRA, J. A. Hábitos de consumo de álcool em estudantes do ensino superior universitário: alguns dados empíricos. **Psychologica**, n. 53, p. 397-411, 2010.

MEDEIROS, S. B.; REDISS, S. V.; HAUCK FILHO, N.; MARTINS, I. M.; MAZONI, C. G. Prevalência do uso de drogas entre acadêmicos de uma universidade particular do sul do Brasil. **Revista de Psicologia Aletheia**, n. 38-39, p. 81-93, mai./dez. 2012.

NATIVIDADE, J. C.; AGUIRRE, A. R.; BIZARRO, L.; SIMONHTZ, C. Fatores de personalidade como preditores do consumo de álcool por estudante universitários. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 6, p. 1091-1100, jun. 2012.

PEDROSA, A. A. S.; CAMACHO, L. A. B.; PASSOS, S. R. L.; OLIVEIRA, R. V. C. Consumo de álcool entre estudantes universitários. **Caderno Saúde Pública**, v. 27, n. 8, p. 1611-1621, ago. 2011.

PILON, C. S.; SANTOS, M. A.; GONÇALVES, A. M. S.; ARAÚJO, K. M. Uso de Álcool e espiritualidade entre estudantes de enfermagem. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, Ribeirão Preto, v. 45, n. 1, p. 100-107, 2011.

RAMIS, T. R.; MIELKE, G. I.; HABEYCHE, E. C.; OLIZ, M. M.; AZEVEDO, M. R.; HALLA, P. C. Tabagismo e Consumo de álcool em estudantes universitários: prevalência e fatores associados. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 15, n. 2, p. 376-385, 2012.

ROCHA, L. A.; LOPES, A. C. F. M. M.; MARTELLI, D. R. B.; LIMA, V. B.; MARTELLI JÚNIOR, H. Consumo de álcool entre estudantes de faculdades de medicina de Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 35, n. 3, p. 369-375, 2011.

WAGNER, G. A.; ANDRADE, A. G. Uso de álcool, tabaco e outras drogas entre estudantes universitários brasileiros. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 35, sup. 1, p. 48-54, 2008.